

SAFAA FATHY

"Não ao regime militar." A águia (símbolo do Egito) foi desenhada invertida, de cabeça para baixo. Fotografia retirada na rua Mohammad Mahmoud / rua des Yeux, em março de 2012



POEMA DE SAFAA FATHY

Extraído de *La révolution traverse les murs*
(*Atravessando muros: a Revolução*, tradução de Fernando Santoro)

SAFAA FATHY*

SAFAA FATHY, nascida no Egito, é poeta, cineasta, ensaísta, filósofa e tradutora, e vive em Paris há trinta e cinco anos, onde é, atualmente, diretora do Colégio Internacional de Filosofia. Doutora pela Universidade de Paris IV, Sorbonne (1993), traduziu O 'conceito' de 11 de setembro, de Jacques Derrida, para o árabe.

SEUS filmes mais recentes são *Mohammad sauvé des eaux*, *D'Ailleurs Derrida*, os filmes-poemas *Nom à la mer* e *Hidden Valley*, e um filme *in progress*: *Tahrir, Lève, Lève, la voix*.

ESCREVEU duas peças de teatro, *Terreur* e *Ordalie*, prefaciadas por Jacques Derrida, com quem escreveu um livro, *Tourner les mots*, acerca de um filme. É autora de várias coletâneas de poesia, entre as quais *Nom dans une bouteille à la mer*, 2010, e *Où ne pas naître...*, em 2003.

SEUS ensaios mais recentes, publicados entre 2011 e 2014, são *Scander, voir et croire*, *Le secret est dans l'image*, «Hijab» *est un mot qui en lui-même...* e *L'écriture Matricide*. Alguns de seus poemas, traduzidos para o português por Fernando Santoro, fazem parte de seu último livro de poemas, editado em 2014: *Une révolution traverse des murs*.

INTEGROU o International Cities of Refuge Network (ICORN) em 2007 e foi hospedada na Casa Refúgio Citlaltépetl, no México.

POEM BY SAFAA FATHY

An excerpt from *La révolution traverse les murs*
(*Revolution, a wall we cross*, translation by Fernando Santoro)

SAFAA FATHY was born in Egypt. She is a poet, film maker, essayist, philosopher and translator living in Paris for thirty-five years now. She is currently a Director at The International College of Philosophy. She obtained her PhD from the University of Paris IV, Sorbonne (1993), and translated *The 'concept' of September 11* by Jacques Derrida into Arabic. Her most recent films are *Mohammed saved from the waters*, *Derrida's elsewhere*, the film-poems *Nom à la mer* and *Hidden Valley*, and one film in progress, *Tahrir, raise, raise your voice*.

HER plays *Terror* and *Ordeal* were prefaced by Jacques Derrida, with whom she signed a book, *Tourner les mots au bord d'un film*. Her latest published collection of poems is *A name in a bottle at the sea*, 2010, and *Où ne pas naître*, in 2003. Her most recent essays published between 2011 and 2014 are *Scream, see and believe*, and *The secret in the image*, "Hijab" *est un mot qui en lui-même...* and *L'écriture Matricide*. Some of her poems translated into Portuguese by Fernando Santoro are a part of her last book of poems edited in 2014: *Revolution, a wall we cross*. She integrated ICORN in 2007 and was a guest at Casa Refugio Citlaltépetl, in Mexico City.

FOTOGRAFIAS Safaa Fathy, *Graffitis de Tahrir*, 2012

* Email: safaa.fathy@wanadoo.fr

www.safaafathy.org

Recebido em 10/12/2015. Aprovado em 21/3/2016

A Mohamed, meu irmão.

Queria dizer

Não conheço o caminho do paraíso.

...que minha língua, as pessoas e o homem sentado, perscrutando os trilhos da estrada de ferro, absorvido no que ninguém saberia. Eles eram. Minha casa, ela estava num lugar que eu procuro ainda. Ela não ficava nessa cidade em que vi outras crianças nascerem sobre o mesmo colchão manchado de sangue sobre o qual nasci nesse mesmo aposento visitado regularmente pela parteira quando ela se foi com o pedaço e tomou tua língua. Me vi procurando esse velho colchão manchado do sangue de todos os que já vieram ao mundo para que houvesse nesse recanto uma criança a mais. Me vi, não a procurar uma casa para mim, mas a tornar a procura minha meta. Muito de meu sangue secou a cada golpe de bisturi que atingia minha pele. Cada golpe de bisturi a me penetrar, adormecida, anestesiada. Gostaria de que todo o tempo da anestesia me conduzisse, anunciada na Internet por 50 dólares, na data em que já não se está.

Queria dizer

Escrevo sobre o que perdi, sobre meu sangue desperdiçado, sobre meu riso enfiado em uma máscara, sobre essa moça expulsa por ter gemido perto das dunas de trigo recheando com segredos a boca das moças, sobre aquela outra que era e que *nunc* já não é e sobre a outra que vi dar voltas sob o teto do salão sem móveis, com o vestido em brasas, ela pede socorro ao seu patrão e depois fica nua diante de todos esses homens. Digo que não quero nem pai nem mãe, não quero que ninguém os ponha em meu caminho ou os infiltre em minha história. Sem eles vou indo e apesar deles todos eu sou.

Não conheço o caminho do paraíso
Não te preservei do inferno
A charia, ninharia, não recaiu sobre mim
Não irei àquele que foi e que indubitavelmente há de voltar
Escrevi algumas linhas e lambi as gotas acima do rosto
Eu disse: ela é um dos seres humanos cujo passado traz o presente

Ela galopava na larga avenida tentando atravessar
És também um viajante como eu
Sem pudor, chegas com essa luz
Ou então será esse mito que nos mata
Atira as balas
Mata, pássaro de cinzas



Vais tu e tuas plumas por terra
Que um vento, soprando desse Saara, dispersa
Montes de areia, luz vermelha
Que atravessa desde onde não estás
Esse Saara nossa casa
Lá, dois polos
Aquele que chega não virá
Todavia, é um visitante
Mais: ele é teu convidado



Ele pousa seus pés, com pudor
Ele vai, encantado
Aí onde está tua vigília
Tu o sublime Mago
Amon
Dize-me onde guardas teus restos
Onde encontrarei o que me poderia indicá-los
Tu a Coisa, a Não-ser
Quando apareceram, o fogo escondera a luz
Escrevo sobre onde te encontras
Que eu possa pensar em ti
Te figurar
Imaginar
Tua sombra
Tu a sublime criatura
Apareça um pouco para que eu possa te ver

(Cidade do Cairo; uma data imaginária, escrito sem me dar conta, 31/11/2013)